

Documentação

Fonte 09 Cabo

Data 28/1/96 Pg 16

Class. 1061

O cacique que o eleitorado abandonou

Juruna está triste, só, morando em casa alugada, cheio de dívidas e quer voltar para a tribo. Mas os índios o rejeitam

Ascânio Seleme e Ricardo Miranda

• BRASÍLIA. Rejeitado por seus irmãos índios e ignorado pelos brancos, o cacique e ex-deputado federal Mário Juruna, 53 anos, de finha numa pequena casa alugada em Guará, cidade-satélite de Brasília. Abandonado há quatro anos pela segunda mulher, Doralice, endividado, dizendo-se sozinho e frustrado com a política, Juruna transformou a casa no último refúgio. Calção e chinelos, mechas de cabelos brancos, o cacique passa os dias prostrado na poltrona, comendo biscoitos, assistindo fitas de terror e reclamando de traições. Com pavor de médicos, recusa-se a tratar de diabetes e hipertensão, que há dois anos abalam seu organismo. Como num velho ritual, Juruna diz que se prepara para a morte:

— Antes quero voltar para a reserva e morrer na minha terra. Aqui não tem futuro. O homem branco tá liquidado. Rouba, ma-

ta, se droga. Não tem salvação.

Triste com a sina dos índios que, como ele, trocaram a aldeia pela cidade, ele conta

— Passo horas aqui na porta de casa, vendo gente revirando lixo, como cachorro, para poder comer. Outro dia vi um índio. Se o índio quer sair da aldeia para estudar ou trabalhar, tudo bem. Mas ele entra num mundo que não é dele — diz, num português às vezes ininteligível.

— As coisas estão tão complicadas por aqui que, se eu tivesse uma reserva indígena para morar, eu voltaria — diz o deputado Miro Teixeira (RJ), líder do PDT, partido pelo qual Juruna se tornou, em 82, o primeiro e único índio deputado federal. Longe do Congresso, Juruna continua no PDT. É da liderança do partido na Câmara que sai seu sustento: um salário de R\$ 2 mil como assessor.

— Eu tinha pouquinho dinheiro. Gastei o que tinha economizado na última campanha. O resto a

mulher levou. Sem esse salário, já tinha morrido de fome. Às vezes, um amigo do partido me ajuda a terminar o mês, a pagar a passagem de ônibus — conta Juruna.

Juruna aposentou o gravador, caminha com dificuldade.

— De vez em quando eu passo no Congresso. Antes todo mundo me recebia muito bem. Mas essa gente que sempre fica no poder não gosta muito de índio.

Juruna escondeu durante todos esses anos um segredo: é analfabeto. Fingia ler discursos redigidos por assessores.

— Só recebi castigo de padres. Nunca aprendi a ler.

Os 12 filhos do primeiro casamento e dois do segundo o preocupam, como a qualquer pai:

— Peço a eles: se, a qualquer hora, Deus tirar minha vida, vão para a reserva onde papai nasceu. Lá têm parentes, plantam arroz, bebem água de graça. Mas quem ficar aqui não quero que mexa com drogas. ■



JURUNA, QUE vendeu o carro para pagar dívida, pega o ônibus no Guará, na periferia de Brasília, junto com um neto